

## ROBERTO MARINHO: GRATIDÃO E ESTIMA

Seria fácil escrever sobre a personalidade e os êxitos empresariais, a vocação de grandeza e a maneira de ser do Dr. Roberto Marinho.

Bastaria, para isso, recordar algumas páginas escolhidas de sua biografia; seguir o percurso de seus sucessos; vincar os traços de seu caráter, ou olhar a sementeira fantástica que realizou desde a juventude, sem se preocupar com a mudança das estações e com as incertezas do tempo.

Mas, decerto, não escreveríamos nada de novo: nem sobre o Homem, nem sobre o jornalista; nem sobre o empresário, nem sobre o acadêmico; nem sobre o mecenas das Artes, nem sobre o criador de riquezas e de postos de trabalho. Outros, que o conhecem melhor do que nós, ou que convivem com ele há muitos anos, partilhando projetos e cruzando amizades, poderão dar o justo contorno e o merecido relevo à sua vida e às suas realizações.

Gostaríamos, portanto, de fazer apenas um registro, neste dia em que o Dr. Roberto chega aos 90 anos, ativo como sempre, empreendedor e a pensar no futuro, de bem com Deus e com a vida, e mais feliz do que nunca por ver o Brasil no limiar de um tempo novo, a vencer os desafios do aprimoramento democrático, da estabilidade monetária e do desenvolvimento econômico.

Nestas anotações vão a admiração e o respeito pelo Homem que conseguiu construir, graças aos seus méritos e à sua tenacidade, um império à escala do Brasil. Um império de que se pode orgulhar — e, com ele, os seus colaboradores, o País e o mundo de Língua Portuguesa. E vai também o imenso reconhecimento pelas provas de amizade com que nos distingue há tantos anos, sendo ele, por mercês e por tudo, um brasileiro de escol, dos mais ilustres, e sendo nós, como diria o Eça, um “pobre homem da Póvoa de Varzim”, filho de carpinteiro e emigrante, que no Brasil veio cumprir seu destino e realizar sonhos e projetos de vida.

Um dia, o Dr. Roberto Marinho convidou-nos para ir a sua casa, onde jantava um grupo de brasileiros da alta política e da alta finança do país.

Nunca mais esquecemos o cenário: rumorejavam as águas das nascentes do Corcovado; os flamingos mostravam-se no lago com elegância; o luar atravessava as árvores frondosas; os convidados distribuíam-se pelas mesas em conversas interessantes — e nós, timidamente, olhávamos para aquele ambiente que não era, por certo, o mesmo da aldeia onde nascemos, encravada ao pé do Minho, na antiga cidade, rústica e bucólica, com outras figuras e outro universo. De repente, o anfitrião pega-nos pelo braço e, saindo pelo jardim, diz-nos, afável e fidalgo: “Tenho gosto em tê-lo aqui. Presto em você uma homenagem a todos os portugueses que vieram ajudar a construir este País.” Nem lembramos a resposta e o desvanecimento, mas o certo é que desde então o Dr. Roberto distinguiu-nos com sua amizade e suas atenções. Jamais deixou de atender um pedido que lhe fizéssemos em nome da comunidade portuguesa. Quando precisamos de sua participação para que nascesse a Fundação Cultural Brasil-Portugal — ele veio de pronto. Quando lhe sugerimos que se realizasse em Lisboa uma exposição de arte brasileira, com parte de seu acervo magnífico — logo mobilizou os meios e naquela altura mais de 100.000 visitantes foram à Fundação Calouste Gulbenkian ver o melhor da nossa pintura contemporânea. Quando lhe pedimos apoio para a modernização do Real Gabinete Português de Leitura — deu-o de imediato. Quando o convidamos para ser o orador no “Dia de Portugal” nas solenidades promovidas pela Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras — solícito e de bom grado atendeu ao nosso convite. Quando, enfim, foi necessário vocalizar aspirações ou sair na defesa de valores lusíadas — pôs sempre ao nosso alcance as colunas de “O Globo”.

Por tudo isso e por muito mais, é natural que tenhamos pelo Dr. Roberto Marinho uma imensa gratidão e uma grande estima. Ambas individuais e ambas coletivas: individuais porque são do escriba, que as sente e transmite; e coletivas, por serem de uma comunidade pela qual nunca escondeu o seu apreço.

Não nos fica mal agradecer, pedindo desculpas por o fazer de público. Mas também só sabemos agradecer com o coração inteiro.

*A. Gomes da Costa*